

20.01.22
→ 22h030

T

A

G

V

POESIA

declAMAR

Poesia

GIN E OUTROS ESPÍRITOS (POEMAS ETÍLICOS)



O coletivo declAMAR Poesia, Vanda Ecm, Olga Coval, Catarina Matos, Lurdes Telmo e Rui Amado, têm em comum o gosto pela poesia e têm vindo a fazer leituras partilhadas, num ambiente intimista, criando assim um espaço informal de encontro com pessoas de gostos afins.

Definido um tema, selecionam autores e poemas, organizam um alinhamento com cinco ou seis rondas e desafiam o público anónimo a aparecer. Todas as sessões representam um estímulo para passar o serão em convívio num ambiente literário informal. No final é lançado um repto aos membros do público, o microfone aberto: uma possibilidade de vencer a timidez e dizer poesia própria ou alheia em palco.

curadoria e leitura dirigida por Catarina Matos, Lurdes Telmo, Olga Coval, Rui Amado e Vanda Ecm
Coordenação Luísa Lopes, Marisa Santos

Local Café TAGV **Duração** aprox. leitura dos poemas selecionados) + microfone aberto **Entrada** Livre (lotação limitada)

I VANDA ECM (Benilde ao Balcão 1 (Manuel de Freitas)

Valerá a pena uma voz vária?
Benilde está ao balcão, repara nas moscas
pulando ao acaso num canto desvanecido,
e os homens - mudos e sonolentos -
dão à taberna um sepulcral prestígio
que em certos dias me apraz.
Envelhecemos todos, com vocação
ou sem ela. Não sei se as moscas também,
indiferentes a uma pergunta errada.

Mas eis que alguém canta um fado,
estando Benilde ao Balcão.
Talvez só então me aperceba de
que a tristeza é um luxo, impossível
um poema nos tempos que correm
ou param. Benilde ao balcão saberá?

Vou omitir por piedade a inércia
gutural do que ouvi, pronto motivo
para que outros se levantassem também
- subitamente fadistas por obrigação
ou desforra. Sai -lhes da reforma pequena
uma voz destruída pelo álcool, inter -
mitente, capaz ainda assim de vislumbres
de sabedoria: «a vida é uma estória
e a estória é mentira».

Benilde, ao balcão, não se pronuncia.
Nasceu mulher, e ainda por cima existe
(não veio da peça de teatro que tornou
literário o seu nome). Aqui quem actua

são eles, frutos disformes de uma «alma nacional» que subscrevemos sem pensar muito. Depois dá nisto: brando desespero com quase vergonha de o ser.

Acendem -se na tarde as perdidas coisas, imunes ao fado e às moscas e a tudo. Quem pudesse remediar o defeito grave deste existir lodoso, sem comunhão à vista. Enobrecê-lo, pelo menos. Mas não, apesar de tudo. Benilde é a imagem estóica - embora desconheça o termo - de um reino que não pôde ser, por excesso de dor ou por nada.

Não é por conveniência retórica que o confundo com uma taberna onde as paredes, o urinol exíguo, a demitida luz, me lembram de ti ou da morte. Estamos todos aqui, acontece. Até que me interrompam, do lado de fora do poema, para me dizerem com o rosto chagado e incerto que «não vale a pena pensar nessas coisas».

Poder -se -ia suprimir o complemento directo, se não fosse deselegante sujar de gramática o que é lição pura de desespero. Dou -lhe um cigarro, mais não posso dar - e não é culpa minha a consternação quando uma mulher, destroçada embora, entra num reduto de decadência viril. Se perdoam Benilde é porque está ao balcão.

Por quanto tempo não sei. Lá fora o trânsito e os rostos tingem -se de irreabilidade, vistos deste reino que não chegou a sê -lo. O relógio há tantos poemas parado não sustém o tempo homicida, e um dia a praça das Flores será um ameno lugar de chacina privado de bêbados como eu.

OLGA COVAL – Fan - versos futuristas feitos a um «menino» futurista (Mário-Henrique Leiria)

Colarinho alto, aspecto de sisudo.
Casaco muito grande
E largo;
Parece um sobretudo.
Cabeleira farta e abundante.
Passada muito forte
E olhando
Para todos com ar muito importante.
alça fina, tão fininha que até
Não chegamos a saber

Como passou p'lo pé
E depois disto tudo, Não me dirás quem é?
É o «fan». O «menino bem».
Lá vai ele.
Clik, Clik, Clik.
(a sola é grossíssima e protectora tem)
Para onde vai?
P'ró «garden party» ou talvez
vá beber um cock tail.
E também é provável, desta vez
Que vá dançar o «swing» p'ró estoril.
E as meninas,
Quando passa,
Dizem, puxando uma fumaça do cigarro:
– Como ele vai «varil»
E assim vive este micróbio
Que, lentamente,
Nos envenena a todos.
O que nos vale
É que ainda há tabernas,
Homens Verdadeiros
E vinho tinto
A jorrar a rodos.

**CATARINA MATOS – Gin sem tónica
(Mário Henrique-Leiria)**

Uma garrafa de gin
estava a preocupar
o pescador
a garoupa e o rodovalho
não tinham aparecido
pró jantar
que fazer?
telefonou ao ministro
da Pesca e do trabalho
mas o ministro
estava a trabalhar
na cama
com a mulher
foi então
que a garrafa de gin
sugeriu discretamente
porque não
telefonar ao presidente?
telefonaram
o presidente da nação
estava em acção
na cama
com a mulher
nessa altura
até que enfim
encontraram a solução
o pescador
foi para a cama
com a garrafa de gin

LURDES TELMO – Justerini & Brooks
(Rui Knopfli)

RUI AMADO – Epígrafe
(Pedro Santo Tirso)

Bebo porque gosto de beber.
Bebo porque está calor.
Bebo porque está frio.
Bebo porque estou com amigos.
Bebo porque estou sozinho.
Bebo para matar a sede.
Bebo porque estou vivo.
Bebo para fugir.

Bebo porque, para mim,
beber nunca é só beber.

Bebo para
Ser eu próprio.
Vivo perdido

II
VANDA ECM A Invenção dos Descobrimentos - fragmento histórico
(Mário Henrique-Leiria)

Toda a gente sabe que foi o infante D. Henrique que inventou os descobrimentos.
Está na História e parece que foi a uma sexta-feira.

Muito bem.

Mas o que geralmente não é conhecido é a contribuição preponderante que
Avelino Benevides SAGRES deu a tal acontecimento.

Passamos a explicar.

Avelino Benevides SAGRES, além de ser fabricante de cerveja, era também
professor primário. Se prestarmos a devida atenção ao encadeamento lógico de
tais profissões, fica clara a imagem da invenção dos descobrimentos.

Assim, foi que o pai de D. Henrique o levou à escola do senhor SAGRES, era ele
ainda infante, para aprender a ler e, se possível, também a escrever.

O senhor SAGRES tinha a escola instalada com fino gosto e com excelente WC,
onde costumava mijar. Coisas. Daí o local ter ficado conhecido, mais tarde, por
Ponta de (ou do) SAGRES.

A escola de SAGRES era toda coberta, para proteger devidamente o fabrico da
cerveja. No entanto, tinha uma desvantagem: não se via nada lá dentro e, por
isso, o senhor SAGRES só fabricava cerveja preta.

Ora tendo que ensinar a ler, e talvez a escrever, ao infante D. Henrique, ficou
altamente preocupado com a falta de luz. Que fazer? Foi quando o menino, com
brilhante inteligência que já então lhe era peculiar, subiu ao telhado e, com o
cabo de uma vassoura, partiu várias telhas para descobrir o telhado em alguns
lugares. Estavam inventados os descobrimentos.

O infante D. Henrique aprendeu a ler e a escrever, como todos sabem pela História. Além disso, o senhor SAGRES pode passar a fabricar também cerveja branca, o que só trouxe benefícios ao país.

Foi a uma sexta-feira, como já dissemos.

É por isso que O COISO sai às sextas-feiras.

II

OLGA COVAL – Deus e o vinho (Sérgio Godinho)

Consta que Deus
enamorado
pela uva que criava
a pisou, a perceber
se aquilo que destruía
noutra coisa renascia.

Consta que a Deus
num bago de uva
se fez luz do que gerava
que a matéria fermentava
e se o pão já dera ao trigo
seria injusto castigo
e comezinho
não dar à videira o vinho.

Consta que Deus logo viu.
Fiz a terra e fiz os seres
perdi-me quase em deveres
a fim de o mundo ser mundo –
mas se der por findo o vinho
poderia pôr-me a caminho
entre socalcos, ramadas,
para enfim dormir profundo
na mais doce das pousadas.

II

CATARINA MATOS – Oiça Lá Ó Senhor Vinho (Alberto Fialho Janes)

Oiça lá, ó senhor vinho
Vai responder-me, mas com franqueza
Por que é que tira toda a firmeza
A quem encontra no seu caminho?
Lá por beber um copinho a mais
Até pessoas pacatas, amigo vinho
Em desalinho
Vossa mercê faz andar de gatas!
É mau o procedimento
E a intenção daquilo que faz
Entra-se em desequilíbrio
Não ha equilíbrio que seja capaz
As leis da física falham
E a vertical de qualquer lugar
Oscila sem se deter e deixa de ser prependicular

Eu ja fui, responde o vinho
A folha solta a bailar ao vento
Que o raio de Sol do firmamento
Me trouxe à uva doce carinho
Ainda guardo o calor do Sol
E assim eu até dou vida
Aumento o valor seja de quem for
Na boa conta, peso e medida
E só faço mal a quem me julga ninguém
Faz pouco de mim
Quem me trata como água
É ofensa paga, eu cá sou assim
Vossa mercê tem razão
É ingratidão falar mal do vinho
E a provar o que digo
Vamos, meu amigo, a mais um copinho
Eu ja fui, responde o vinho
A folha solta a bailar ao vento
Que o raio de Sol do firmamento
Me trouxe à uva doce carinho
Ainda guardo o calor do Sol
E assim eu até dou vida
Aumento o valor seja de quem for
Na boa conta, peso e medida
E só faço mal a quem me julga ninguém
Faz pouco de mim
Quem me trata como água
É ofensa paga, eu cá sou assim
Vossa mercê tem razão
É ingratidão falar mal do vinho
E a provar o que digo
Vamos, meu amigo, a mais um copinho

II

LURDES TELMO – Meu Álcool (João de Cabral Melo Neto)

Marques Rabelo garantia
que bêbado era quem bebia
por se inventar duplo motivo:
sentir-se invivo ou sobrevivivo.

Querer-se lúcido, acordar,
ser todo o agudo que nele há,
ser quando está de todo aceso,
tem o ser na ponta dos dedos.

Ou estar num ser tão extreme
que ser é insuportavelmente,
que ser é estar-se num incêndio
e sentir-se esse incêndio sendo.

Por isso, é que o bêbado bebe:
porque triste quer ser alegre,
e bebe porque chega a demais
a alegria de que ele é capaz.

Um pôde achar álcool melhor,
não tóxico, sem qualquer depois,
um álcool que não tem veneno
nem contém amanhã de inferno.

Que, se é preciso, apaga o incêndio
e se é preciso, vem e acende-o;
um álcool que possui duas pontas,
que age a favor como age contra,
nem precisa que alguém lhe diga
quando dar mais ou menos vida
(como lâmpada do escritor russo,
põe o quarto aceso ou escuro).

Mais: que não se bebe, contempla;
é um álcool para a convivência,
álcool que dá a chama e o sopro
com tê-lo ao alcance do corpo.

Esse álcool não é de vender:
ninguém engarrafou um ser.
É álcool sem quando, sem onde,
de perto, ou pelo telefone.

Vê-lo e usá-lo foi de imediato:
depois de álcoois mais variados,
da familiar cana de cana
de suas várzeas pernambucanas,

viajou por outros tão diversos
(os de Appolinaire, o dos versos)
que até empregou como bebida
o fluido ambíguo de Sevilha.

E de nenhum deles renega:
nem das úlceras que eles legam
nem da intestina hemorragia
em hospitais ao fio da vida.

Se a um novo álcool se entregou,
se o vê como álcool superior,
não foi por causa de conselho,
prescrição de médico, ou medo.

É que no novo álcool de agora
pode alcançar mais alta quota
de álcool na vida, e é mais contínua
a vida que acende, e seu clima:

um clima mais claro, e tão limpo
como toalha ou lençol de linho,
e ao mesmo tempo tão intenso
de um ser vivo vivendo pleno.

(E isso, só, com a convivência
de mulher, com a nua presença
de mulher, que como Sevilha
é interna-externa, é noitedia.)

RUI AMADO – Por um Copo de Vinho (José Fanha)

Por um copo de vinho te diria
onde o mundo começa e se dilata
onde a veia rebenta e se desata
a fonte da ternura e da alegria.

Por um beijo azul por uma mão
dançaria contigo até cair
na cama maravilha do faquir
que arranca a luz da lua ao coração.

Eu sei no mar a cor dos laranjais
e a rota das gaivotas sob a pele
e tudo te diria, pão e mel
por um copo de vinho e pouco mais

III

VANDA ECM – Vou Dar de Beber à Dor (Alberto Fialho Janes)

Foi no Domingo passado que passei
à casa onde vivia a Mariquinhas,
mas 'stá tudo tão mudado
que não vi em menhum lado
as tais janelas que tinham tabuinhas.
Do rés-do-chão ao telhado
não vi nada, nada, nada
que pudesse recordar-me a Mariquinhas,
e há um vidro pregado e azulado
onde havia as tabuinhas.
Entrei e onde era a sala agora está
à secretária um sujeito que é lingrinhas,
mas não vi colchas com barra
nem viola, nem guitarra,
nem espreitadelas furtivas das vizinhas.
O tempo cravou a garra
na alma daquela casa
onde as vezes petiscavamos sardinhas
quando em noites de guitarra e de farra
estava alegre a Mariquinhas.
As janelas tão garridas que ficavam
com cortinados de chita às pintinhas
perderam de todo a graça
porque é hoje uma vidraça
com cercadura de lata às voltinhas.
E lá p'ra dentro quem passa
hoje é p'ra ir aos penhores
entregar ao usurário umas coisinhas,
pois chega a esta desgraça toda a graça
da casa da Mariquinhas.
P'ra terem feito da casa o que fizeram
melhor fora que a mandassem p'rás alminhas,
pois ser casa de penhores
o que foi viveiro d'amores
é ideia que não cabe cá nas minhas
recordações do calor

e das saudades. O gosto
que eu vou procurar esquecer
numas ginginhas,
pois dar de beber à dor é o melhor,
já dizia a Mariquinhas.

OLGA COVAL – A Invenção da Água (Mário-Henrique Leiria)

Como muito bem se sabe, no princípio não havia água.
Só havia o verbo.
Depois apareceram o sujeito e o complemento direto.
Mas de água, nada.
Então todos começaram a beber vinho e deus achou que era bom.
E lá isso era!

No entanto, com o aparecimento das primeiras culturas
do tipo comercial, tornou-se evidente
a falta de qualquer coisa
que pudesse aumentar a produção do vinho
e torná-lo mais rentável.

Era a água, claro.

Mas não havia água, como já fizemos notar.
As primeiras pesquisas,
então ainda bastante primitivas,
levaram à descoberta da água-pé.

Embora curiosa, essa descoberta não resolveu,
de forma alguma, o fim pretendido.
Continuava a não haver água. As pesquisas prosseguiram.

Felizmente o homem é assim, nunca desiste.
É isso que faz o progresso.
E largos tempos passados chegou-se a nova descoberta:
a aguardente.

Era melhor, não duvidemos, mas realmente não era o desejado.
Faltava a água. Definitivamente.
As civilizações pastoris, no seu nomadismo constante,
descobriram, acidentalmente, a água-bórica que,
aliás, nunca serviu para nada. Coisas de nómades.

Foi então que no seio das culturas orientais
mais avançadas tecnologicamente,
surgiu a grande invenção:
um misterioso pó branco que,
deitado em mínima quantidade num litro de água,
o convertia,
quase milagrosamente,
num litro de água.

ESTAVA INVENTADA A ÁGUA

Inicialmente rara e só usada para fazer vinho,
tornou-se no entanto com o desenvolvimento industrial,
bastante acessível e abundante.

Ergueram-se os primeiros lagos,
deu-se início aos rios pequeninos e,
finalmente surgiram os rios maiores,
aqueles muito grandes,
que consta várias pessoas já terem visto por aí.

Este progressivo desenvolvimento líquido
teve como consequência
o aparecimento de poderosas civilizações marítimas,
que se desenvolveram de tal maneira que nos puseram
no brilhante estado em que nos encontramos.

É o que fazem as invenções.

No entanto, e mesmo com a atual abundância,
não devemos abusar, dada a tremenda
explosão demográfica que se está registando.

Parece-nos mais prudente beber gin.
Sempre

CATARINA MATOS – Outono para 37 versos (Mário Henrique-Leiria)

LURDES TELMO – Saudade (Pedro Santo-Tirso)

RUI AMADO – Debaixo do Vulcão (Carlos de Oliveira)

Malcolm
Lowry: vivo
mal como Lowry,
bebo
bem como Mal-
colm, como
mal como
Malcolm
come:
álcool
Malcolm, al
coolm,
ó
alcolmalcolm,

II
ó frígida
tequilla
no sopé do vulcão
por onde
o vulnerável cão
do espírito
ladra
e lavra
a essência
recôndita

do álcool:
conte-a
a bebidíssima
exigência

III
do meu
último copo,
sempre o último,
cante-a
o ex-extinto
vulcão
e por instinto
o vulnerável
cão,
ou plante-a
o próprio Lowry,
frágil,
entre lava
e neve:

IV
tépido mescal
para inventar
a mescaligrafia
gémea do som
ou da sombria
pauta musical
onde as notas florescem
em breves,
compactas corolas,
e hastes
que sobem, descem
esguiamente
os degraus
dum jardim,

V
enquanto
os índios passam
depressa
mas de pedra,
ficam
antepondo-se
ao norte
que fabrica
os países
com vidro,
com vinho, com visões
de videiras vitais
debaixo
do vulcão,

VI

ó tépida tequilla,
existe ainda
o amor
e o vulnerável cão
do espírito
que lavra
cada palavra
oculta
por pudor
e a ladra
inutilmente
dentro
da garganta
vazia,

VII

frígido mescol
como um galope
na floresta

de vinho e vidro,
filtro
litro a litro,
animal,
animais,
e mais e só
o dorido espírito
do álcool,
Malcolm,
entre neve
e lava:

VIII

os índios passam,
bebo, ficam
na sombria
pauta musical,
e o vulnerável cão
do amor
sossega pelo menos
um instante,
enquanto
os índios
sobem, descem
esguiamente
os degraus
das pirâmides.

IV

VANDA ECM – El salsero (Manuel de Freitas)

Os homens são assim. Bebem de mais,
cantam, esconjuram a morte
chamando-a para mais perto — e ela vem.
É uma ciência nocturna, a dos
homens, enquanto copos e garrafas
martelam sobre o balcão
os compassos de uma música sem saída.

É tão triste às vezes saber
que «à sombra do milho verde
namorei uma cachopa» — ou
pedir ao rosto de ninguém
que nos beije muito, como se fosse
esta noite a última vez...

Tão triste, numa noite realmente
última, lembrar outra vez os amigos
que hoje aqui não estão por terem
bebido mais depressa o mesmo copo
letal que nos afasta da morte...

Amores, desamores, injúrias
palavras vizinhas dos punhais.
Coisas que os anos foram sepultando,
quase com doçura ou escárnio.

Porque os homens, quando bebem,
conhecem imensamente a loucura,
sentem nos ombros mais velhos
o peso insidioso da melancolia.
E não é fácil de ver, tanta dor.

Isso mesmo que certas canções
ou a névoa do haxixe nos fazem esquecer
por breves instantes uma vida inteira.
Isso mesmo, ainda, que na derrota
de um sorriso se confunde com o
sudário dos dias. Porque dentro destas
quatro paredes, sabíamos bem, era
proibido amanhecer. Só muito mais tarde,
já sem alma nem dinheiro, os corpos
voltariam a rastejar para a
maldição da luz. Com uma canção
mais fria a escurecer-lhes os lábios.

Empalidece agora o sorriso do gusano
na parede, ferem mais as palavras
sem rnesura de Chavela Vargas
e a certeza subitamente real deste último
trago entre os últimos da festa.
As garrafas de várias cores não voltarão
A derramar o seu cálido perfume
e há, talvez, um mapa de afectos que
soçobra, um poema que ninguém escreveu.

Mas a perdição continuará, noutros

sítios, em casa de gente que morre e entristece de tanto viver. Os dolorosos amigos. Existirá sempre um vinho forte a alimentar o epicentro do pânico, aí onde apenas o vazio tem mãos capazes de nos amparar na queda.

O que não lemos, o que não amámos, os países que desconhecemos — tudo isso ficará dentro destas paredes condenadas à destruição e às prepotentes razões do lucro. Perder — eis a nossa vocação, a única. Com um relâmpago de sombra nos olhos apagados.

O teu amigo, porém, regressa — abre pela última vez a porta larga do inferno e anuncia para a escuridão dos rostos que «já é dia». Finge também ele sorrir, perder de pé. Porque há evidências inaceitáveis, manhãs de metal que nos surpreendem vivos.

Só no táxi abraçamos a certeza do fim, agora mais palpável, e o dia demolido que nos espera. Há horas assim — de que a própria morte se apiedaria, se tivesse tempo. Uma canção que regressa só para nos dizer que a perdemos, que é tão tarde o corpo.

OLGA COVAL – O Bar (Joaquim Pessoa)

Andei com Maiakovsky a servir sumos de ananás num Bar de putas. Por essas noites, a noite cheirava a mijo e a ódio. Sim, a mijo e a ódio. Um homem costumava entrar e perguntar pelo seu irmão. Nunca estava. O seu irmão nunca estava e, então, o homem desaparecia sem mais interrogações. Um dia houve uma guerra num vaso de flores e na noite desse dia o Bar fechou. Reabrimos na noite seguinte muito orgulhosos da nossa guerrazinha que continuava, mas agora de certo modo longe do nosso local de trabalho. Voltámos a servir sumos de ananás regularmente. Maiakovsky não usava meias desde a guerra e as putas quase sempre comentavam isso. Constou nessa altura que tinha morrido como um valente o homem que costumava entrar e perguntar pelo seu irmão. Confirmámos isso quando o irmão dele passou a frequentar o Bar sem fazer uma única pergunta.

De vez em quando tínhamos de pôr fora os clientes que se embebedavam. Alguns, no auge da noite, pretendiam ser Deus, outros, faziam discursos que irritavam os chulos diziam coisas tremendas e um deles era um general de cavalaria que ao terceiro copo já queria vender as esporas. No último verão houve a crise do ananás e passámos a servir batidos de morango. As putas adoravam. Maiakovsky olhava de soslaio umas vezes, outras, pelo cantinho do olho e fazia-me sinais. Eu levantava geralmente os cinzeiros e as gorjetas Enquanto ele passava um pano húmido Pelo tampo das mesas. Dividíamos desta maneira o nosso trabalho porque ele era alérgico ao cheiro das notas e a mim dava-me prazer ajudá-lo no que pudesse. Uma tarde veio num jornal que ele tinha morrido. Nem ele próprio acreditou. Ficou desiludido, muito desiludido mesmo e confessou-mo. Não chegou a haver entrevistas, fotógrafos, nada. Ele fez as malas calmamente (e, no entanto, esqueceu-se de uma gravata), abraçou-me e partiu com lágrimas nos olhos. Então, sozinho, abri o Bar apenas uma ou outra noite em que senti saudades. Por vezes entravam turistas americanos que me ofereciam somas terríveis pela cadeira onde ele costumava sentar-se nos nossos dias de folga. Quase nunca chegava a responder. Eles percebiam o meu olhar e não diziam nada, não insistiam mais. O mesmo acontecia com as putas, que deixaram de fazer-me perguntas. Creio que agora estou desempregado. Fechei o Bar definitivamente. Muita coisa mudou embora as noites continuem hoje a cheirar a mijo e a ódio. Faleceu o general que negociava as esporas ao terceiro copo, Deus caiu abaixo da sua bebedeira, e eu acabei por vender a cadeira do meu camarada que está agora algures no Colorado atrás de uma secretária num Boss Office de uma fabriqueta de pastilha elástica. Estou mais novo e vou sobrevivendo a todas estas recordações. Mas quando agora saio por aí, de noite, roído de saudades,

já nem mesmo as putas,
as mesmas putas,
me reconhecem.

**CATARINA MATOS – Concerto às 15h30 e um Copo de Vinho
(Mário Henrique - Leiria)**

**LURDES TELMO e RUI AMADO – Festa na Embaixada Italiana
(António Cabrita)**

**V
VANDA ECM – Tiro a roupa ao mesmo tempo que abro uma cerveja
(Vera Pedroso de Lima)**

Tiro a roupa ao mesmo tempo que abro uma cerveja
vou largando a roupa e agarrando a cerveja
O cão olha expectante
ou por que tiro a roupa ou porque bebo cerveja
Os cães sabem que as mulheres não bebem cerveja
nem tiram a roupa com raiva.
Todos os cães sabem.

Aprecio o corpo e a cerveja
Um mais que o outro
porque um mais fresco

o cão desiste. Aninha-se,
deita-se.
Como todos os outros cães
Não tem preocupações comezinhas.
É preciso alimentar o cão
É preciso alimentar todos os cães,
mesmo os que não percebem
porque razão tiras a roupa e bebes cerveja.

OLGA COVAL – P.S. (Mário Henrique-Leiria)

Encontraram alguém que fosse eu?
Se encontraram,
tragam-no para casa
que já são horas.

CATARINA MATOS — Sodoma Económica (Mário Henrique-Leiria)

LURDES TELMO — Álcool (Mário de Sá-Carneiro)

RUI AMADO – Jantar em Alcabideche (João Miguel Fernandes Jorge)

